

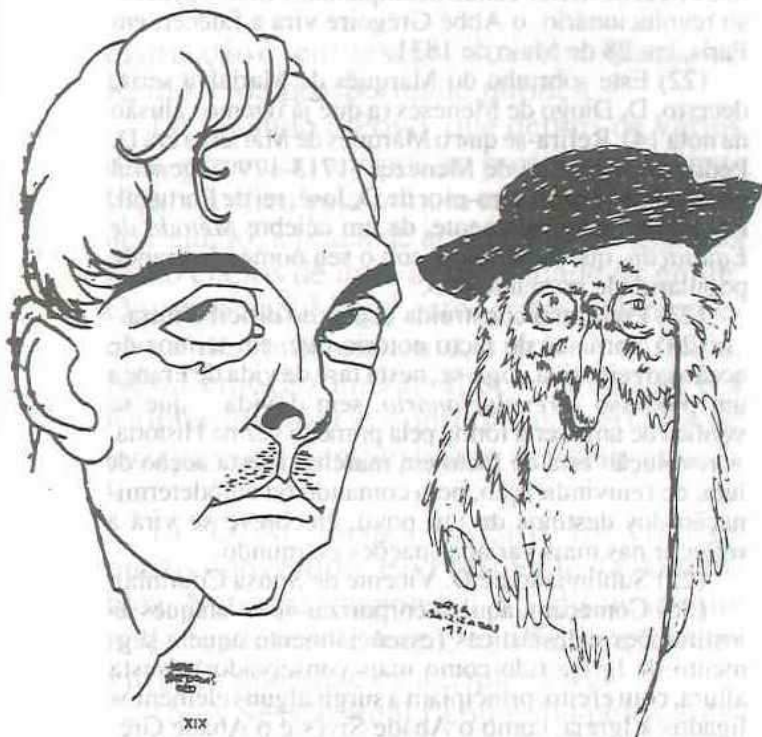
A CARICATURA POLÍTICA EM PORTUGAL-IX



O modernismo

Oswaldo de Sousa

NO MESMO ESTILO...



AFONSO LOPES VIEIRA

GUERRA JUNQUEIRO
Centenário de 1.º de Maio

O regime político estava em total decadência. Nas Artes, a escola de Barbizon tinha enquistado na tradição, apesar da viagem de alguns jovens artistas até Paris, na busca de novos caminhos. Na caricatura, o rafaelismo mantinha-se, ignorando as vias apontadas por Leal da Câmara e Celso Hermínio.

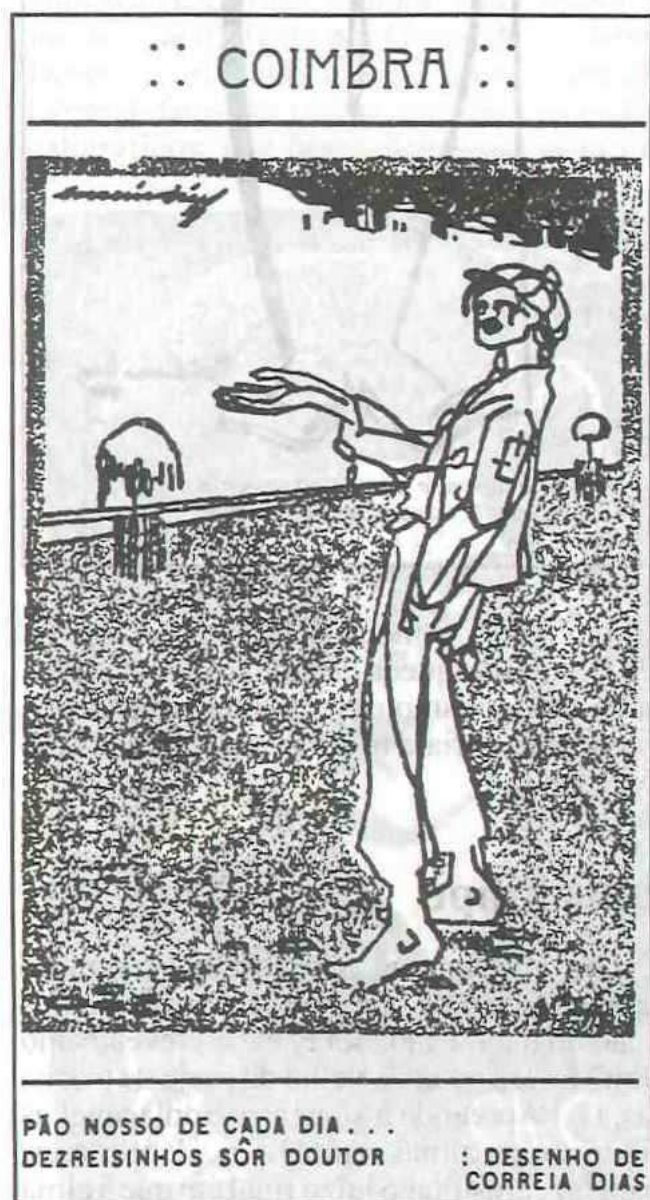
Em 1910 ocorreu a queda da monarquia e, conseqüentemente, a concretização da «viragem» do século. A queda do regime, em princípio, era também a queda de uma forma de vida, de uma estrutura social, ideológica e cultural. Por essa razão, as associações operárias desenvolveram um esforço de alfabetização e de culturização, de início através de criação de Bibliotecas e Bandas Filarmónicas. Foi o momento escolhido pelos jovens residentes em Paris para virem a Lisboa apresentar as «novidades» numa exposição livre; e para Leal da Câmara,

também recém-regressado do exílio, procurar recuperar o seu lugar na vanguarda. Mais tarde, Leal da Câmara dirá: «A arte perdera o seu timbre de distância e de fogo-fátuo, rendido à noção real. Tornara-se utilidade. A caricatura ia na vanguarda do movimento.»

Que movimento? Chegou a haver algo, para além de uma irreverência de grupos isolados?

O Grupo de Coimbra

Por vezes um momento é mais importante que uma vida, assim como o soldado pode ser mais relevante que um general, um amanuense mais vital que um ministro, alguns desenhos mais importantes que uma longa carreira artística. É o caso da intervenção do Grupo de Coimbra, três breves aparições que modificaram o rumo da arte em Portugal.



«Não parece exagero dizer que, na década que abrangeu os fins da monarquia e os começos da República, Coimbra deu ao País um verdadeiro escol. /.../ Curiosidades intelectuais, inquietação moral e social e ânsia de cultura para a busca de soluções aos problemas nacionais foram as características dessa geração que deixou, na actividade literária e artística do País, mostras iniludíveis de méritos, ainda não esquecidos nem apagados.» São palavras de Nuno Simões, companheiro desse grupo de artistas em Coimbra, no elogio fúnebre a Christiano Cruz, em 1951, recordando desta forma essa geração e esses tempos.

A curiosidade, inquietação e irreverência são características da juventude, dos estudantes, e foi precisamente nesse meio que o Grupo de Coimbra se formou e desenvolveu a nova linha estética, que viria a dar no modernismo. As influências e linhas mestras do novo pensamento estético provieram do estrangeiro, através das publicações que cá chegavam, e resultavam de uma necessidade interior de síntese, de forma.

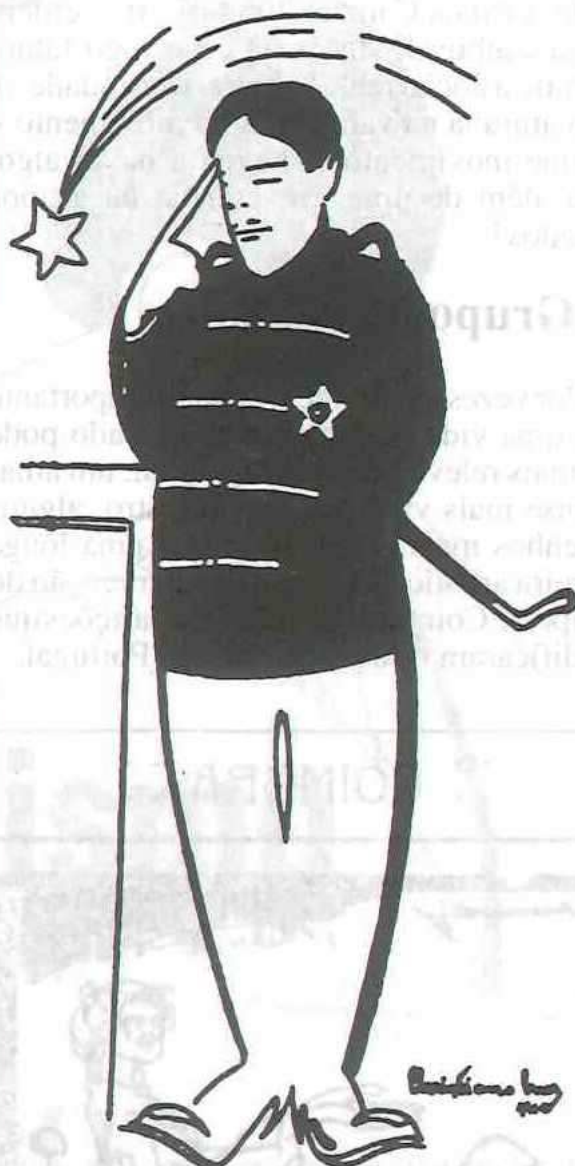
A síntese, perante o barroquismo rafaelis-

MIOPIA



A miséria resolve pôr um monóculo no olho da Providência.

O COMETA



Não sei porque este maldito cometa me faz lembrar D. Sebastião e Alcácer Quibir...

ta, foi o elemento revolucionário que se impôs no desenho, raiando por vezes a abstracção, a qual deu à pintura o tom cezariano que dominaria o modernismo. O curioso é que estes artistas, encerrados em Coimbra, compreenderam melhor o que se estava a passar no mundo europeu das artes, do que aqueles portugueses que viviam por Paris no contacto directo, mas passando de lado ou muito superficialmente pelas novidades.

O grupo começou a organizar-se à volta de um jornal de liceu, *O Gorro*, e desenvolveu-se na tertúlia e na elaboração de outras revistas, como a *Águia*, a *Sátira* e a *Rajada*. As figuras importantes deste movimento foram Christiano Cruz, Correia Dias e Luís

Filipe, tendo começado tudo por volta de 1908, antes da queda da monarquia. A ruptura do modernismo desenvolvia-se subrepticiamente e viria a triunfar após a revolução em Lisboa.

Luís Filipe

Um criador que não sobreviveu muito tempo nas artes e que desapareceu no anonimato do quotidiano. Sobre ele escreveu Nuno Simões: era «o mais velho da corja de trocistas. (...) Apreende a sua garra implacável as figuras e as almas, amolga-as, deprime-as, para fazer resultar o juízo final em que a alma

e corpo se procuram, um como que toque de trombeta de apuro de contas, e conclusão de quem a vida espionasse, só pelo prazer de ver-lhe, em cada onda, toda a babugem de grande mar revolto».

Os seus trabalhos apareceram em *O Gorro*, *Ilustração Portuguesa*, *A Águia* e *A Sátira*, e ao apresentar-se no Porto, no II Salão dos Modernistas, despediu-se da arte.

Correia Dias

Correia Dias, «o mais fino, equilibrado e inteligente artista» (palavras de Virgílio Correia), foi um caso de breve e fulgurante passagem pelo humorismo português. Natural de Penajoia, onde nasceu em 1892, fez estudos em Coimbra, e por aí ficou numa carreira de artista e dinamizador satírico.

Em 1909 fundou *O Gorro*, um jornal de alunos do Liceu de Coimbra, o qual reunia os jovens que designei por Grupo de Coimbra. Desenvolveu então a linha síntese, que em Correia Dias se traduz por breves traços caligráficos, que desnudam a estrutura das



formas ao ser mais simples, raiando a abstracção dos elementos representados.

Virgílio Correia, diria em 1914, que ele «imprimiu nas suas obras um cunho de delicadeza que o leva para bem longe da caricatura indígena em que Bordalo e Celso floresceram». Não é só no traço que há uma ruptura, mas também na abordagem humorística, desprendendo-se da anterior visão satírica ou panfletária, e por vezes cruel dos caricaturistas de então, os elementos do Grupo de Coimbra preferem a ironia filosófica numa opção de crítica social. Quase se poderia dizer que eles defendiam que é através de uma alteração das condições sociais, que poderá haver uma alteração política, e não pela alteração política que se criam as condições sociais.

Sem deixarem de ser críticos, na mordacidade da ironia, opõem-se à sátira directa, à identificação dos culpados, já que estes são muitos mais do que aqueles que parecem ser. Esta viragem de sentido no humor, segundo Virgílio Correia, é uma característica de Coimbra(?), que «não gerou senão artistas equilibrados e sãos. (...) Correia Dias segue a regra geral. Tudo na sua arte é ligeiro, transparente. Até quando magoa o faz com elegância, com linha, sem descompor as figuras em contorcionamentos borrachos de indivíduos alçados sobre botas de palmilhas bocejantes».

Veiga Simões acrescenta: «Afora o estúdio e os magazines estrangeiros que muita vez o surpreendi a folhear, creio que toda a sua arte resultou do seu temperamento bondoso e sensual como as pérolas saem do coração das ostras ou das penhas emana o cristal da água viva. A graça e a malícia são peculiares na sua obra em que o exagero consegue ter um sentido piedoso. E é por isso que ao mesmo tempo se amam os seus bibelots, em que a ternura tem sorrisos formosos e as caricaturas pessoais, em que o artista prefere a cobrir de pícaro os modelos, dar ao lápis um ar de conselheiro moral, dirieis, um lápis comovido que sublinha somente para ver se corrige o que é aleijado.»

Infelizmente não é conhecida a sua obra, que se dispersa por vários géneros criativos, como se pode comprovar por este anúncio publicado em *A Rajada*: «Caricaturas e Desenhos – Cartazes; Vitraes; Capas de Livros; Pastas; Ex-Líbris; Piro-gravuras; Moveis;

etc. – Coimbra – L. da Feira 16». A luta pela sobrevivência fazia-o caricaturista, publicista, ilustrador, ceramista, vitralista, *designer* até de monumentos funerários e de jardins. Toda uma obra por descobrir e catalogar.

O que eu conheço são as obras publicadas no *Gorro*, na *Rajada* (de que foi director artístico/Coimbra 1912), *Século*, *Ilustração Portuguesa* e *Águia*

Apesar de ter sido um dos introdutores do modernismo, via caricatura, em Portugal, não apareceu em qualquer dos Salões de Humoristas e Modernistas, não acompanhando dessa forma a evolução estética nas suas manifestações públicas. Apenas teve um gesto pessoal, em 1914, ao expor os seus trabalhos nas salas da *Ilustração Portuguesa*, onde foi elogiada «a obra diáfana de um decorador consumado». Além da síntese no desenho, ele desenvolve um decorativismo elegante que reinará em Portugal nos anos 20/30, como desvio do modernismo.

Entretanto, em 1915, «Correia Dias vai para o Brasil expor os seus trabalhos, tentar aplicar as suas aptidões de artista decorador». Partiu e lá ficou a conhecer o êxito que cá não tinha. Casou-se com a poetisa Cecília Meireles, para a qual fez ilustrações dos seus livros, trabalhou em jornais, fez ex-líbris... No campo decorativo desenvolveu uma série de motivos de cerâmica marajoara (dos índios da ilha de Marajó), criando um estilo de raízes brasileiras, que explorou na cerâmica e na tapeçaria.

Em 1934 visitou Portugal com a sua mulher e a 19 de Janeiro de 1935 suicidou-se no Rio de Janeiro.

Christiano Cruz

«Nenhum desenhador me revelou ainda a beleza das coisas portuguesas e aqueles que o têm tentado, fazem-no com um critério tão mesquinho que a sua obra melhor caberia nos Arquivos da Torre do Tombo do que nas exposições de arte pura.

(...) Eu sei bem que o público não sente a necessidade da arte, da mesma maneira que não sente a necessidade de lavar os pés. Mas as necessidades criam-se, e essa tarefa só nos pode caber a nós dada a impossibilidade de mandar o meio a Paris, educar a vista.





Façamos arte onde os nossos predecessores só têm feito arqueologia. Tratemos com largueza os gestos largos do cidadão Acácio, a vida do povo e o burguesismo.

Não façamos crítica, façamos arte! «(In *República*, 22-5-1914).

Manifesto de um artista crítico e inspirado que exorta a arte como expressão estética de um sentir nacional, em concepções «modernistas» que são internacionais. Este é um manifesto de um mito que nasceu do nevoeiro e nele desapareceu; um mito que aparece como um mestre e assim desaparece. Falamos de um artista de que ficou menos a recordação de um nome: Christiano Cruz.

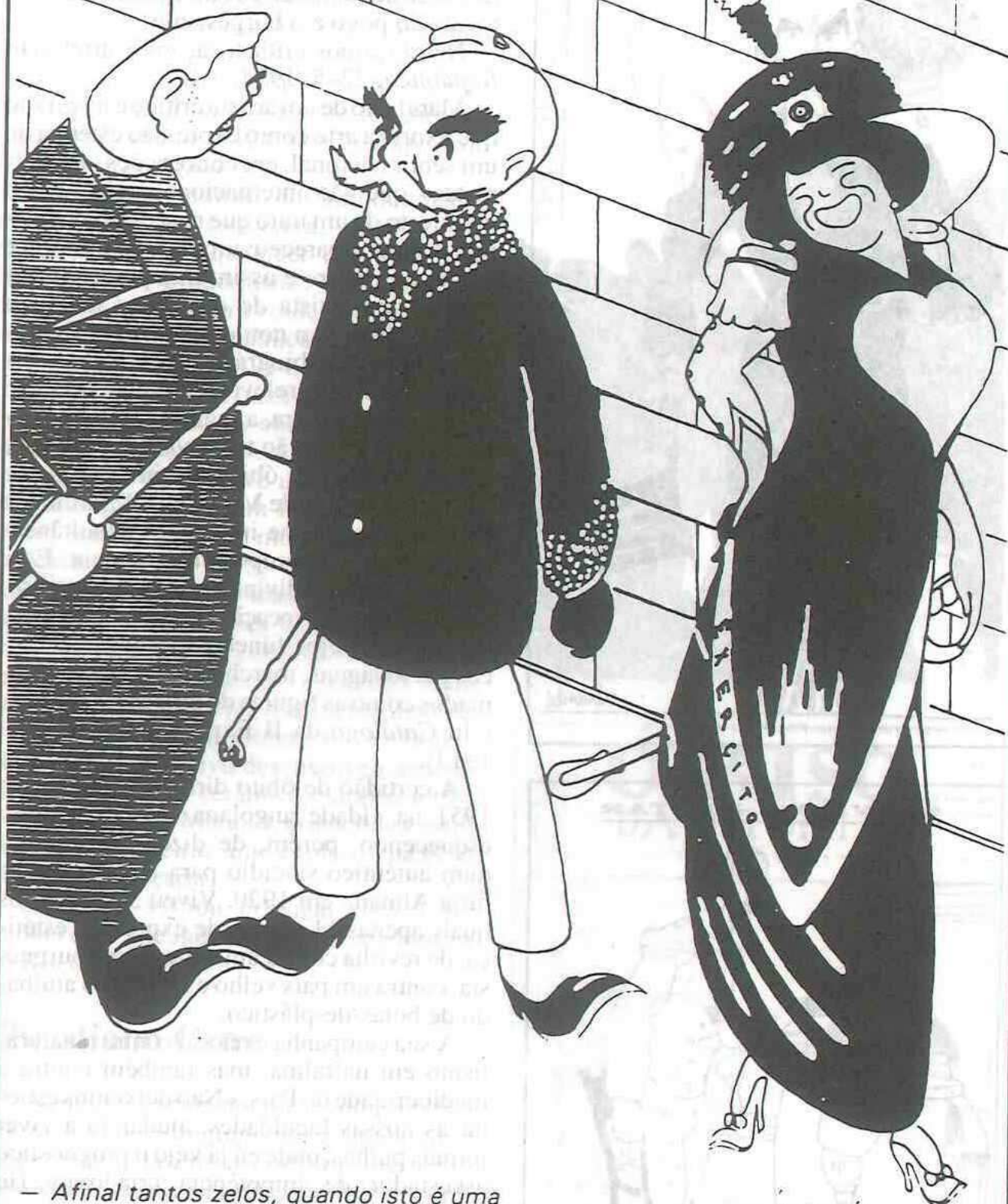
«Como notas biográficas, a mais interessante, a de maior relevo, é a minha certidão de baptismo; a outra, a segunda, pelo caminho que as coisas vão tomando, deverá ser a minha certidão de óbito. Assim, sempre te direi que nasci a 6 de Maio de 1892 na cidade de Leiria, tendo-me irrompido simultaneamente com o sarampo a neurastenia. Esse menino que tu adivinhas linfático e triste, manifestou a sua vocação rabiscando na lousa extensos cortejos fúnebres de ultra-sintéticos personagens, marchando rígidos e apurados como as figuras de um friso egípcio». (In *Catálogo da II Exp. dos Humoristas*, 1913).

A certidão de óbito dirá que morreu em 1951 na cidade angolana de Silva Porto, esquecendo, porém, de dizer que morreu num autêntico suicídio para as artes como diria Almada em 1920. Viveu 59 anos, dos quais apenas 11 seriam de expressão estética, de revolta contra uma arte e uma burguesia, contra um país velho e bolorento atulhado de botas-de-plástico.

A sua campanha é não só contra o naturalismo em naftalina, mas também contra a mediocridade do País: «Não deixemos estio-lar as nossas faculdades, ajudando a viver jornais pulhas, onde eu já vejo o prognóstico assustador de impotência criadora.» (in *República*, 22-5-1914).

Começando os seus estudos em Leiria, passaria por Santarém e Coimbra, onde se uniria àquele núcleo de jovens artistas, que no fundo foram causadores da sua visão vanguardista da arte (os trabalhos anteriores a Coimbra são do tipo rafaelista), como perspectiva do futuro e não como prisão do passado. Seguiria depois os seus estudos em

ENTRE LES DEUX...



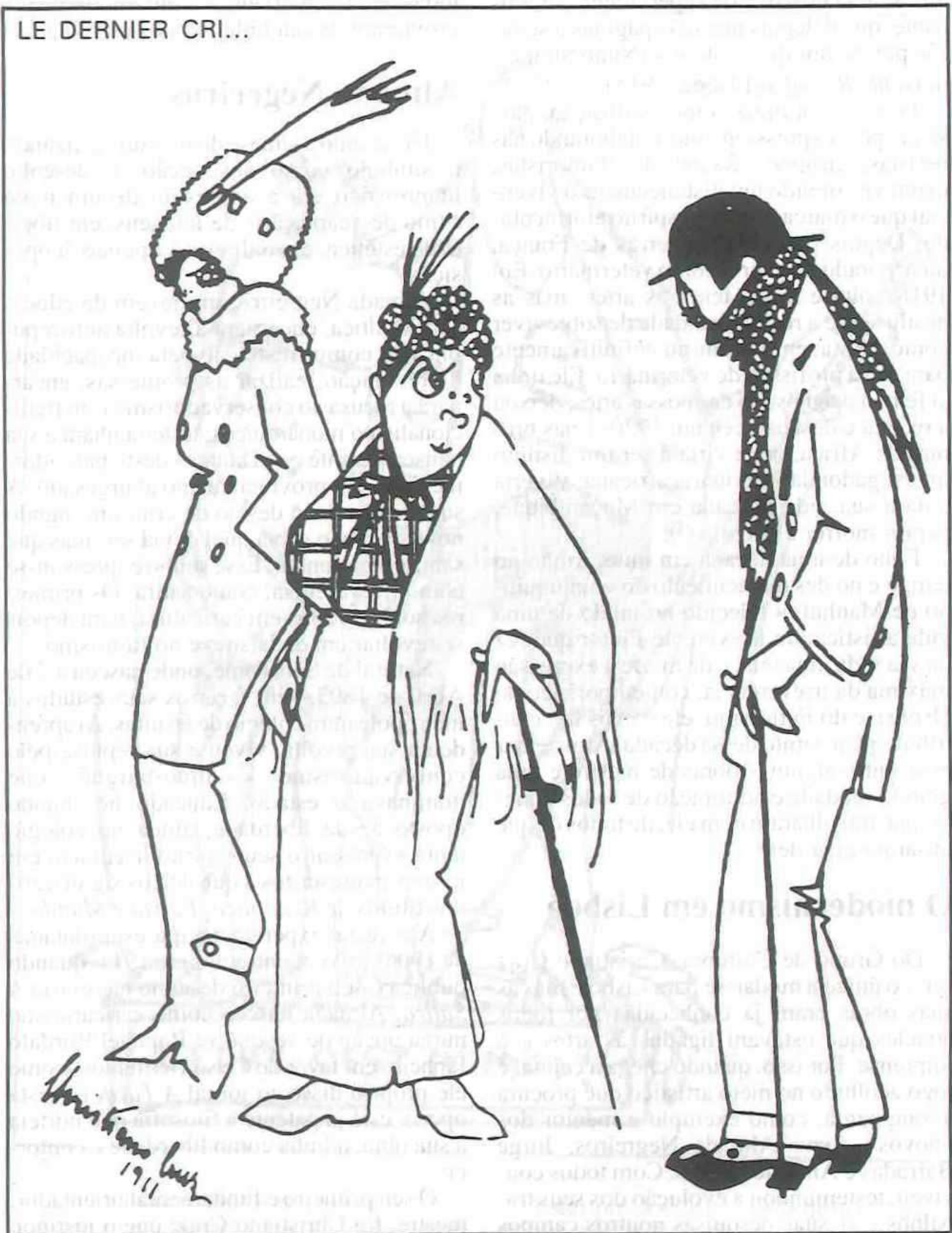
— Afinal tantos zelos, quando isto é uma questão de... soldo!

Lisboa, na Faculdade de Medicina Veterinária.

A sua arte desenvolveu-se em Coimbra, assim como a sua forma de estar na vida, o seu carácter sério e maestral sem o querer ser. Jorge Barradas viria a dizer que ele era o

primeiro entre os primeiros, nessa geração que procurava o novo século, era o mestre apesar de ser um dos mais novos, era um personagem que se demarcava das páginas da história, com medo de aí ficar preso. «Tem um parentesco esquisito este grande

LE DERNIER CRI...



artista que, por haver a mais do que os outros um apurado instinto observante, parece distinguir-se como um sombrio e é no fim de contas o mais lúcido e sóbrio comentador da vida que aí anda. (...) Só a vida o tenta, mas a vida no seu fundo grotesco e doloroso. (...)

Cristiano encontra sempre almas a desvendar na sua crueza, sem reboço. O mistério estende para ele as suas mãos sortílegas e assim, ao debruçar-se sobre a vida, alguma coisa que a maioria não descobre o deve atrair, pois quando se ergue, sempre em seus

olhos radia um fogo de supervidência dominante, que é depois nas suas páginas a sedução perene dos que sentem.» (Nuno Simões, in *Gente Risonha*, Lisboa-1915).

Partindo da linha como estilização, passando pelo expressionismo, colaborando nas revistas, dirigindo Salões de Humoristas, manteve contudo um distanciamento vivencial que o marcava como espírito atormentado. Depois partiria para terras de França, incorporado na guerra como veterinário. Em 1918 volta e ainda tenta as artes, mas as desilusões e a real dificuldade de sobreviver como artista, empurram-no definitivamente para a sua profissão de veterinário. Ele tinha já feito o diagnóstico das nossas artes; deixou a receita e desapareceu em 1920-1 nas brumas de África, onde viria a ser um distinto investigador da veterinária africana. Viveria toda a sua vida africana em Moçambique, para ir morrer a Angola (¹).

Filho de uma década em mito, irmão no tempo e no desaparecimento do «maluquinho de Manhufe» falecido no início de uma vida artística; do irreverente Pintor que fez da sua vida uma tela, e da morte a expressão máxima da irreverência; contemporâneo do *Orpheu* e do Futurismo, ele é mais um contributo para o mito dessa década. A sustentar esse mito, algumas obras de mestre e uma grande saudade e admiração de todos aqueles que trabalharam com ele, de todos os que ousaram falar dele.

O modernismo em Lisboa

Do Grupo de Coimbra, Christiano Cruz seria o único a mudar-se para Lisboa, mas as suas obras eram já conhecidas por todos aqueles que estavam ligados às artes e à imprensa. Por isso, quando chega à capital é logo acolhido no meio artístico que procura a vanguarda, como exemplo e mentor dos «novos» como Almada Negreiros, Jorge Barradas e António Soares. Com todos conviveu, testemunhou a evolução dos seus trabalhos e as suas pesquisas noutros campos que não o desenho e o humor, como a pintura. Na pintura, também Christiano Cruz ia na vanguarda, muito mais avançado que todos os outros, porém raramente mostrava os seus trabalhos e nunca expôs individualmente. Não participou nas aventuras do *Orpheu*, nem dos Futuristas, mas pode-se dizer que

todas essas intervenções do modernismo provieram da sua linha. Foi o caso de...

Almada Negreiros

Utilizando a síntese do mundo, utilizando o símbolo como abstracção, o desenho humorístico era a expressão de um novo ritmo de «captação» de imagens, em liberdade estética, era o direito à opinião, à oposição.

Almada Negreiros, um jovem de educação jesuítica, encarnará a revolta anti-republicana, como frustração pela incapacidade da revolução realizar as promessas; encarnará a recusa ao conservadorismo e ao tradicionalismo monárquicos; testemunhará a sua náusea perante os «Dantas» deste país adormecido num provincianismo aburguesado. A sua revolta foi o desejo de criar um mundo novo, que não sabia qual devia ser, mas que sabia como sonhar. Esse sonho expressou-se como irreverência, como sátira. Os primeiros sonhos fê-los em caricatura, para depois se revoltar em dadaísmo e no futurismo.

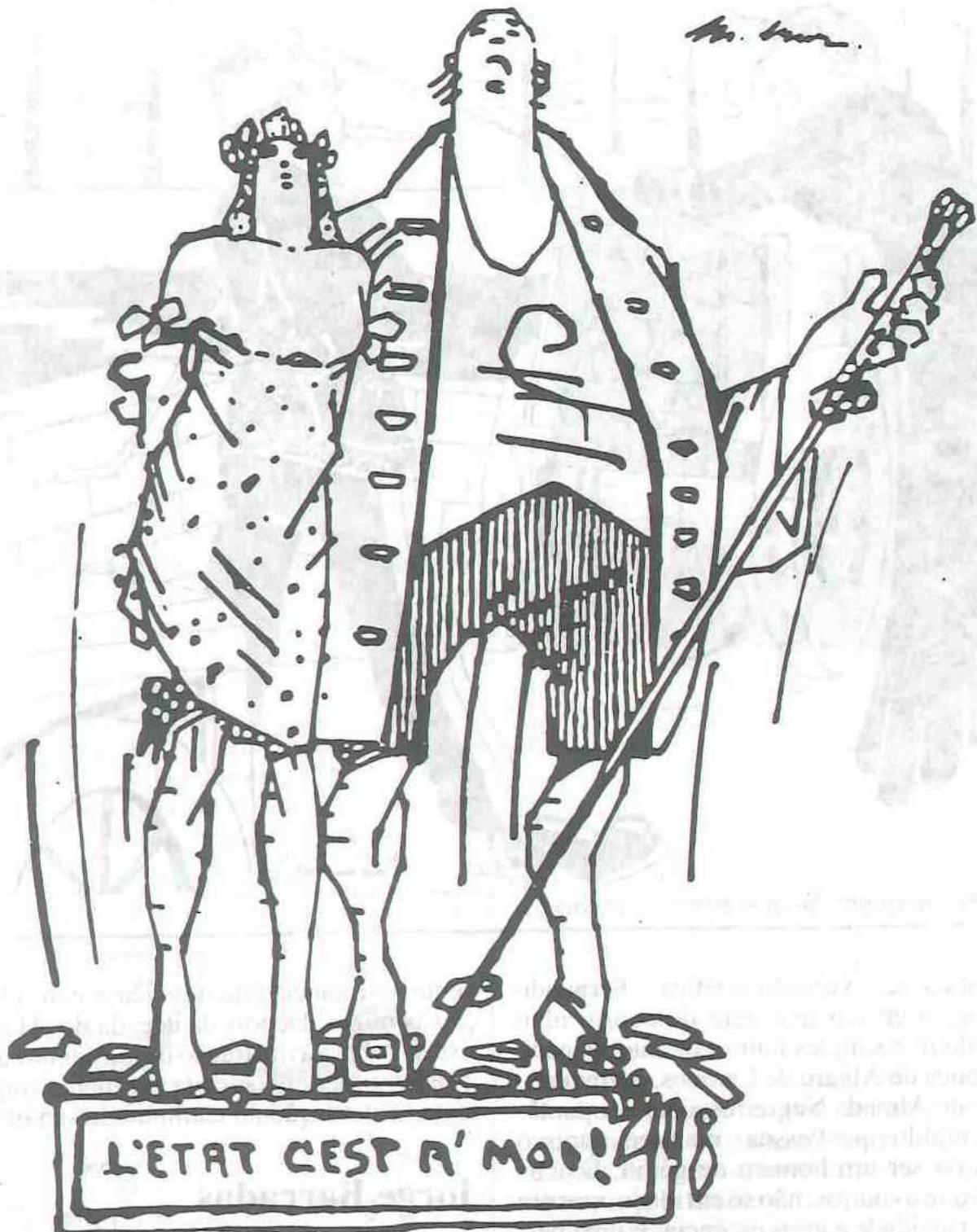
Natural de São Tomé, onde nasceu a 7 de Abril de 1893, veio fazer os seus estudos à metrópole num colégio de jesuítas. Aí aprendeu a sua revolta, viveu a sua repulsa pelo conservadorismo jesuítico-burguês que dominava o estado. Educado no mundo oposto à sua liberdade, ainda no colégio tenta expressar o seu espírito irrequieto em jornais manuscritos a que deu os significativos títulos de *República*, *Pátria* e *Mundo*.

Após estas experiências que estão datadas de 1906, só o encontramos em 1911, quando publica o seu primeiro desenho na revista *A Sátira*. Almada nasceu como caricaturista, numa opção de «esquecer Raphael Bordalo Pinheiro em favor de Celso Hermínio» (como ele próprio disse ao jornal *A Tarde*). Nesta opção, está já patente a filosofia que norteia a sua obra, a linha como liberdade e contorno.

O seu primeiro e fundamental orientador, mestre, foi Christiano Cruz, que o instigou no caminho a seguir, que o aconselhou de tal forma que ele se impôs na primeira linha do modernismo, tendo a sua obra chamado desde logo a atenção dos contemporâneos, num humor «aberto e primaveril».

O seu humor era ainda o despontar da irreverência futura e por isso raia a ironia

DOIS AMANTES



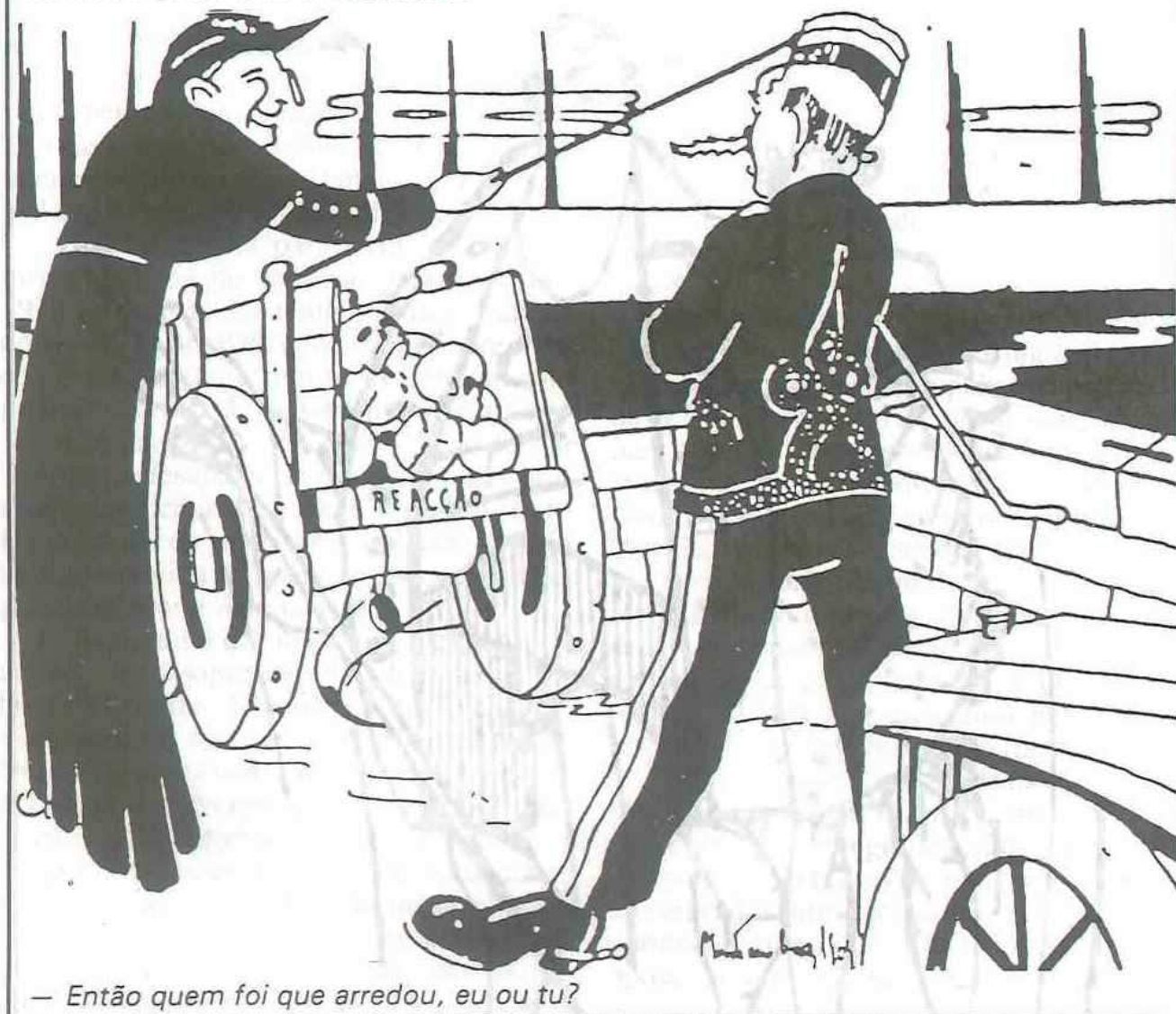
num humor suave. Numa entrevista de 1914, à *República*, Almada defende: «De entre todos os caricaturistas apenas um soube interpretar com o seu finíssimo gosto o mau gosto da nossa sociedade, foi Eça de Queiroz.

E pena é que Leal da Câmara se tenha interessado pela sua terra apenas pelo lado podre, pelo lado político.»

Esta opinião não o impede de fazer caricatura e sátira política, de dirigir a mais acérrima crítica à república, ao fundar e dirigir a revista pró-monárquica *Papagaio Real*, em 1914.

Em 1912, uma ano após iniciar a sua carreira de humorista, fez uma exposição individual, a qual viria a proporcionar-lhe um conhecimento e um contacto importan-

A HISTÓRIA DA REGÊNCIA



— Então quem foi que arredou, eu ou tu?

tes para a sua evolução estética – Fernando Pessoa, o crítico que nele descobriu algo mais do que simples humor ou inteligência. Pela boca de Álvaro de Campos, escreveria: «José de Almada Negreiros é mais espontâneo e rápido (que Pessoa), mas nem por isso deixa de ser um homem de génio. É mais moço que os outros, não só em idade, mas em espontaneidade e efervescência. É uma personalidade bastante distinta e o que causa admiração é como o haja conseguido tão cedo.»

Ele encaminhou-se para a polémica no domínio da literatura, assumindo neste campo um dos postos de chefia na irreverência, no modernismo como futurismo, na vivência como desafio à passividade intrínseca do português.

Como caricaturista fez a sua política, criou um estilo de linha angulosa, depois envol-

vente, permanecendo nessa arte como ligação às raízes. Depois da década dos Humoristas, voltará à ilustração de humor nos anos 20 e 30, experiências cada vez menos importantes em relação ao caminho da sua obra.

Jorge Barradas

«Antes do mais devo dizer-lhe que sou um estilista, um apaixonado da forma e da cor, e que por isso o que mais me impressiona na natureza não é a sua força geradora oculta, mas aquilo que ela realiza em aspectos exteriores. Quer dizer: da árvore eu não vejo a raiz, que é a alma, mas o tronco e a folhagem que são o corpo. Posto isto, dir-lhe-ei que o meu assunto predilecto é a mulher. (...) Eu não sou um combatente, e me não sirvo da caricatura como arma, antes a emprego como

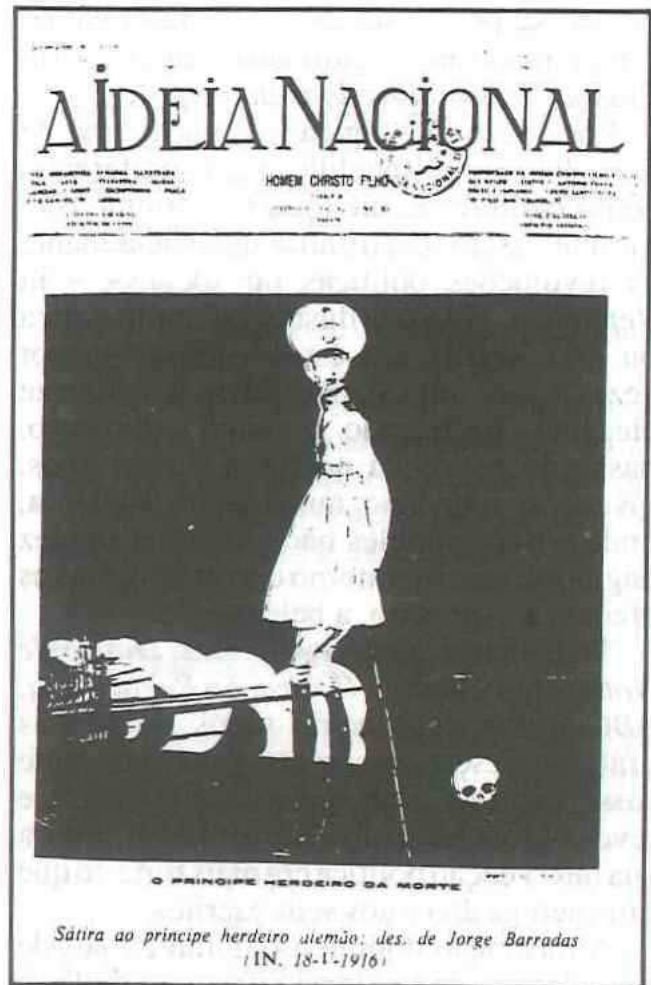
fonte criadora de beleza» (J. B., in *República* 26/5/1914).

Chamava-se Jorge Nicholson Moore Barradas (1894-1971), mas nas artes ficaria conhecido como Jorge Barradas, um artista que recordado essencialmente como ceramista, pintor, ilustrador ou decorador, foi um «modernista» da primeira geração, e como tal também humorista. Nasceu em Lisboa a 16 de Julho de 1894, quis ir para as artes, e por isso matricularam-no na Escola de Belas-Artes, mas «fui mau aluno. Creio que muito contribuiu para tanto o conventual e lúgrube casarão, onde o ensino andava a par com o frio, que gelava as mãos, entorpecia os pés e esfriava até ao desespero o corpo e a alma. (...) A escola onde me formei foi outra e é grande, direi mesmo é majestosa. São vastos e longos os seus corredores, e chamam-se ruas, por elas corri feliz e livre, sem algemas nos pulsos nem grilhetas nos pés a limitar os meus passos» (in *Isto começou em 1912*, conferência na S. N. B. A., 29/11/63).

Jorge Barradas irrompeu nas artes nos inícios da República e como seus companheiros, apesar de ter frequentado a escola de artes, fez a sua verdadeira aprendizagem com a vida, fê-la à mesa dos jornais onde a mão forçada pela periodicidade quotidiana, no dia a dia na obrigatoriedade da graça,



UMA «CHANCE» PERDIDA — Se em vez de te meteres no teatro, com a mania de ser «artista», continuasses a ser «artista», ainda poderias chegar ao Rainha de Portugal!



Sátira ao príncipe herdeiro alemão; des. de Jorge Barradas (IN, 18-1-1916)

criou um estilo, um traço original, irrompendo por novos caminhos.

«Não há dúvida de que somos os representantes da geração que implantou em Portugal a arte contemporânea» (in *Diário de Notícias* 7/11/63). «Não havia entre nós o espírito de grupo. Cada um tinha o seu próprio caminho. Naturalmente discutíamos, trocávamos impressões, criticávamos os trabalhos uns dos outros. Mas não pretendíamos fazer escola. Se alguma coisa tínhamos em comum era a ambição enunciada por Almada: querer fazer de Portugal a Europa» (in *Século Ilustrado*, 26/12/1970).

«Nasciam então inventadas pela minha graça, sempre inclinada para as sorridentes formas que eram ilustradas de comentários nunca amargos, notas à margem sempre da dor. (...) Não consentia a minha consciência tirar proveito da dor alheia, nem tão-pouco como alguns, explorar o filão fácil, oferecido de mãos abertas e sem encargos. O sofrimento dos outros, dos infelizes, era demasiado respeitável para fazer dele meu guindaste. Receava também, o seu contágio, pois bem perto vivi do seu centro e, talvez por receio

ou defesa, preferi ser antes um lagarto feliz, esparramado ao sol glorioso da alegria!» (in *Pessoas e episódios do meu tempo*).

Por opção ideológica («Esquecia-me de dizer-lhe, que a República me é indiferente, como indiferente, me foi a monarquia. Não me interessam senão muito superficialmente as revoluções políticas ou sociais» – in *República* 1914), a ilustração, humorística ou não, seguia um estilo espirituoso por vezes menos irónico, mas fundamentalmente elegante. Retratando o mundo pitoresco, passando pela vida nocturna e seus tipos, viveria o mundano numa linha sugerida, onde o traço simples não procura a rigidez angular, nem o contorno decorativo, mas os efeitos, a expressão, a beleza.

Trabalharia em vários jornais, *Diário de Notícias*, *A Capital*, *Ilustração Portuguesa*, *ABC a Rir*, mas como todos os artistas gráficos, desejava criar um jornal seu, onde fosse mestre e senhor das suas opiniões, e teve-o – foi *O Riso da Vitória* (1919), onde a sua intervenção política era mais forte do que quis depois dizer nos seus escritos.

A ilustração dominou-o durante mais de uma década de humor e retrato de mulher; depois a decoração, o cartaz, a cenografia, a pintura, foram-se interpondo nesta carreira, que se manteria dispersa até aos anos 50, quando uma nova paixão o dominaria – a cerâmica. Também aqui a elegância foi uma das suas principais preocupações estéticas.

António Soares

«Atender as necessidades espirituais do povo, comunicando com ele por intermédio de uma arte que fosse a expressão sincera do seu modo de ver, é questão que não entrou ainda no programa dos meus colegas, que até hoje têm feito arte que unicamente delicia a vista, sem no entanto ter fim nenhum útil».

«E como a falta de observação deste princípio, conduz a uma desorientação que muito prejudica e contraria as suas aspirações, desde que os nossos artistas não sintam, com grandeza, as coisas portuguesas e não façam sentir de uma maneira superior o seu lado belo, cairão forçosamente numa assimilação servil, como sobejamente o têm demonstrado.»

«Se os nossos artistas cultivassem sem

snobismo o amor das nossas coisas, acabariam por se convencer de que nem só o estrangeiro tem carácter... Mas dirão agora os críticos: o que têm então os senhores feito até hoje? Olhe: temos trabalhado para a pasta, para os amigos, para a família e para V. Ex^a».

«Não vejam em nós intuítos reaccionários de contemporizar com o passado; temos de fazer compreender esses cavalheiros que Borçalo viveu no seu tempo e nós queremos começar a marcar o nosso» (in *República*, 25/5/1914). Desta forma se manifestava um jovem artista, de nome António Soares, quando dava os seus primeiros passos nas artes.

Natural de Lisboa, onde nasceu a 18 de Setembro de 1894, descobriu muito cedo os seus interesses artísticos. «Em verdes anos, por um acaso maravilhoso, veio-me parar às mãos o Tratado de Pintura de Leonardo da Vinci, em latim que li e reli, com o auxílio



DR. RAMADA CURTO

Em tamanho natural. Dentro daquele arcaboiço a custo cabe o seu talento oratório, literário, dramático, forense, musical e humorístico. Os homens nêdem-se aos palmos. Os seus últimos livros «Debaixo do cedro» e «Vida Amorosa de Malaquias

alheio, para o entender. Estava manifesto o segredo da minha vida!».

Após esta descoberta vocacional, ingressou na Escola de Belas-Artes, em busca de uma base de sustentação, só que nessa escola o tempo estético tinha parado já há algum tempo, e em vez de paz só encontrou desorientação e dúvidas. Era uma juventude obrigada a viver num tempo que não era o seu.

«A minha geração começou a ter consciência de si, no período que se sucedeu à proclamação da República. Discutia-se e negava-se abundantemente. Como não podia ficar eternamente na crise do crescimento, assentamos em superar a anarquia em que fervíamos, decidindo-nos pelo passado ou pelo futuro. Interrogamos o estrangeiro e, depois de algumas hesitações, eu e os outros rompemos a luta pelo nosso ideal». Essa luta, seria o modernismo, via humorismo.



MELO BARRETO

«Sempre Fixe» presta a sua última homenagem ao diplomata que morreu no seu posto, depois de nêle ter atravessado as mais graves agitações políticas, a todos servindo com dedicação e galhardia.

António Soares era pois um humorista por circunstância estética, explorando um expressionismo sentimentalista, conjugado como mundanismo, o qual será o eixo de toda a sua obra. Companheiro de Christiano Cruz e de Almada, expositor nos Salões Humoristas onde apresentou as suas primeiras obras em 1913, Soares nunca chegaria a libertar-se totalmente das regras apreendidas nas Belas Artes.

Nos finais dos anos 20, o humorismo deixava de ser necessário como expressão e como sobrevivência jornalística e optou pela ilustração, pela decoração, pela cenografia e pela pintura. Viria a morrer em 1978.

Emmérico Nunes

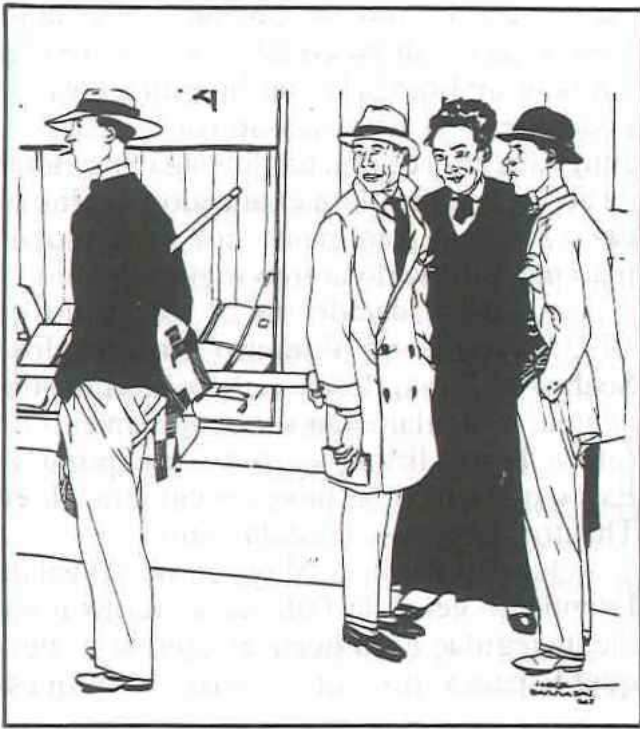
«Se você pode», diz Malhoa, «acho que faz bem em tirar o pequeno da Escola e mandá-lo estudar para Paris. Aqui em Lisboa está 8 anos a marcar passo. Mas em Paris o ambiente e os métodos de ensino, se ele souber aproveitar, farão dele um artista em metade do tempo».

Um conselho do mestre Malhoa para um jovem que no princípio do século demonstrava já algumas aptidões para o desenho e a pintura. Esse jovem era Emmérico Hartwich Nunes.

Emmérico, natural de Lisboa, onde nasceu em 1888, era neto de um pintor, filho de um arquitecto, e de uma (alemã, natural da Baviera) pintora, poetisa e pianista amadora. Com estas raízes familiares, as artes viveram naturalmente com ele e conseqüentemente demonstrou cedo um interesse expresso num traço original. A esse traço aliava-se um espírito satírico e, ainda com dez anos, cria um jornal familiar – A Risota – onde o humor era o ingrediente principal.

Em 1904 ingressa na Escola de Belas-Artes e seria por essa altura que o mestre Malhoa proferiria o conselho para que fugisse deste país em letargia. Foi um conselho cumprido e em 1907 parte para Paris como pensionista oficial, ou seja, com uma bolsa do Estado.

Permaneceu em Paris até 1911, estudando as técnicas possíveis, mas onde o humor nunca deixou de estar presente. Nesse mesmo ano faria uma «tourné» por Inglaterra, Holanda,



Bélgica e Alemanha, acabando por se estabelecer em Munique.

Naquela cidade, frequenta as lições de Heimann e tenta entrar como colaborador para o *Meggendorfer Blätter* (o segundo periódico mais importante da nova corrente humorística alemã). Conseguiu-o e durante vinte e um anos trabalharia como ilustrador humorístico, publicando nesse jornal cerca de 2000 desenhos.

Em 1914, com a crise bélica, ele tem de abandonar Munique e em vez de regressar ao país, como o fizera a maioria dos artistas emigrados, refugiou-se em Zurique, na Suíça neutra, prosseguindo o seu trabalho.

Entretanto, apesar da sua ausência de Portugal, não estava totalmente afastado deste País em ebulição modernista. Participou na Exposição Livre de 1911, a primeira tentativa modernista na pintura; participou no I Salão dos Humoristas de 1912, impondo o seu traço de linha sintética, expressionista de influência alemã (conhecida por linha do «Simplicissimus»), aliando-se a Christiano Cruz na introdução da escola alemã como a alternativa de vanguarda. O seu desenho simples é portador de uma sátira profunda, tão profunda como o expressionismo alemão era cáustico.

Em 1919 regressa a Portugal, após 12 anos de emigração, sem contudo deixar de colaborar no jornal alemão. Na viagem de regresso contacta a Espanha, colaborando em jornais e organizando uma exposição. Em Portugal apresenta os seus trabalhos em jornais como o *ABC*, *ABC a Rir*, *O Espectro*, *Magazine Bertrand* e «*Sempre Fixe*».

Tinha voltado, só que o ambiente artístico aqui, apesar dos ensaios das irreverências vanguardistas, permanecia morto, o que o levou a regressar à Alemanha de 1924 a 28. Entre 1932 e 37 conseguiria que os seus desenhos também interessassem periódicos suíços e holandeses. Nunca um artista humorístico português conseguiu impor tanta obra no mercado internacional e em tão diversos países.

Regressaria definitivamente a Portugal em 1928, incluindo-se na frota dos artistas que por cá tentavam sobreviver, trabalhando tanto como decorador de pavilhões nas feiras internacionais, como ilustrador de livros escolares e infantis, cartazes, ilustração de propaganda e pintura, numa involução estética que o foi afastando do expressionismo-humorístico que lhe tinha dado o triunfo levando-o para um naturalismo academiante. Viria a morrer em 1968. ■

(1) N.R. da «História»: em Moçambique, dirigiu, com João Ribeiro Gomes, a revista mensal *Moçambique* (1921).